



*Importância da formação acadêmico-científica para o combate à desinformação:
uma investigação exploratória*

Importância da formação acadêmico-científica para o combate à desinformação: uma investigação exploratória

The importance of academic and scientific training in combating misinformation: an exploratory investigation

Ev¹ Ângela Batista Rodrigues de Barros¹
Universidade Federal de Minas Gerais
<http://lattes.cnpq.br/4074455682264562>

Brenda Godinho Oliveira²
Pontifícia Universidade Católica
<http://lattes.cnpq.br/4337078533667495>
godinhob7@gmail.com.

Filipe de Jesus dos Santos³
Pontifícia Universidade Católica
santosfilipe575@gmail.com.

Ivne Victória Silva Nunes⁴
Pontifícia Universidade Católica
<http://lattes.cnpq.br/8920573336241610>
ivnevictoria@gmail.com.

Jéssica Débora de Jesus⁵
Pontifícia Universidade Católica
<http://lattes.cnpq.br/3842500561132473>
jessicadebora15@gmail.com.

Lívia Kátia Gomes Silva⁶
Pontifícia Universidade Católica
<http://lattes.cnpq.br/3819607526450251>
livinhamake56@gmail.com

¹ Mestre e Doutora em Estudos Linguísticos, com Estágio Pós-doutoral em Estudos do Texto e do Discurso (UFMG). Docente do PPG e do Departamento de Letras da PUC Minas.

²Bacharel e licenciada em Letras pela PUC Minas. Mestranda em Letras/Linguística pela PUC Minas.

³ Licenciado em Letras pela PUC Minas. Professor da Educação Básica.

⁴ Licenciada em Letras pela PUC Minas. Professora da Educação Básica.

⁵ Licenciada em Letras pela PUC Minas. Professora da Educação Básica.

⁶ Licenciada em Letras pela PUC Minas. Professora da Educação Básica



Ev'Ángela Batista Rodrigues de Barros, Brenda Godinho Oliveira, Filipe de Jesus dos Santos, Ivne Victória Silva Nunes, Jéssica Débora de Jesus & Lívia Kátia Gomes Silva

Importância da formação acadêmico-científica para o combate à desinformação: uma investigação exploratória

Resumo: Esta pesquisa tem como proposta refletir sobre as idiosincrasias e as implicações próprias do contexto atual, no que tange ao fenômeno de proliferação de *fake news*. Nesse cenário de desinformação, as redes sociais atuam como principal espaço de sua disseminação e, portanto, compreender o posicionamento de jovens universitários mostra como a educação científica se reveste de relevância como forma mais segura de se preparar leitores mais críticos e competentes para a interação com esse tipo de comunicação. Para isso, conta com utilizamos significativo arcabouço teórico, de modo a expor e comparar diferentes pontos de vista sobre o tema, como Seixas (2019), Macedo; Oliveira; Lima (2022), Ferreira (2021), Gomes; Lopes (2021), entre outros. Em acréscimo, aspectos verbovisuais dos textos, bem como linguístico-textuais foram considerados, como forma de apreender o que promove a adesão do leitor, a uma primeira visada, e a atribuição de confiabilidade a informações enganosas, sem checagem. Na dimensão empírica, foi disponibilizado um questionário *Google Forms* a universitários de cursos, períodos e faixas etárias distintas, cujas respostas, para algumas das questões, foram aqui analisadas. Embora não exaustivo, este estudo mostra que a trajetória acadêmica tem a potencialidade de auxiliar no enfrentamento da desinformação, mas uma postura de combate efetivo passa por um letramento crítico desde a educação básica.

Palavras-chave: *Fake News*. Desinfodemia. Letramento acadêmico e científico.

The importance of academic and scientific training in combating misinformation: an exploratory investigation

Abstract: This research aims to reflect on the idiosyncrasies and implications of the current context regarding the proliferation of fake news. In this scenario of misinformation, social networks act as the main space for its dissemination, and, therefore, understanding the position of young university students shows how scientific education is relevant as a safer way to prepare more critical and competent readers for interaction with this type of communication. To this end, we rely on a significant theoretical framework to present and compare different points of view on the subject, such as those of Seixas (2019), Macedo; Oliveira; Lima (2022), Ferreira (2021), Gomes; Lopes (2021), among others. In addition, verbal-visual aspects of the texts, as well as linguistic-textual aspects, were considered to understand what promotes the reader's adherence to a first impression and the attribution of reliability to misleading information without verification. In the empirical dimension, a Google Forms questionnaire was made available to university students from different courses, semesters, and age groups, whose responses to some of the questions were analyzed here. Although not exhaustive, this study shows that academic trajectory has the potential to help in confronting misinformation, but an effective combat stance requires critical literacy from basic education onwards.

Keywords: Fake News. Disinfodemic. Scientific and academic literacy.



1. Introdução

“E se todos os outros aceitassem a mentira imposta [...] — se todos os registros contassem a mesma história —, a mentira tornava-se história e virava verdade. ‘Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado’” (Orwell, 2025, p. 75).

A interação pela linguagem, de forma cognitivamente criativa, isto é, marcada pela capacidade de aprendizagens cada vez mais sofisticadas, a partir da metacognição sobre o vivido, a projeção temporal (passado/futuro), é uma idiossincrasia do ser humano como espécie, e atravessa toda a sua existência. As diferentes (e cada vez mais complexas) formas de lidar com tecnologias digitais, cujo uso se espraia para os mais vastos âmbitos do cotidiano, é uma superfície perceptível dessa capacidade.

Através dos tempos, as capacidades de linguagem evoluem, acompanhando as demandas de cada época e os avanços tecnológicos. A leitura, como primeira grande tecnologia, permitiu a fixação de saberes, o registro de formas de interação e aspectos culturais, o que consistiu num alicerce crucial para o desenvolvimento humano posterior. Certamente, uma nova tecnologia impacta os modos de valorização e de acesso a outra, anterior: a disseminação de obras impressas, na Idade Média, não eliminou práticas de transmissão oral, somou-se a elas, mas as reconfigurou – em termos de relevância, de modos de acesso e fruição, etc.

A *internet*, substituta do telégrafo e do telefone – e, posteriormente, o atual *smartphone* – são marcos notórios desse desenvolvimento, que inseriram a humanidade na chamada *Era da Informação*⁷. Nesse contexto de amplas possibilidades e facilitação gradual do acesso, é relevante notar que tal era seja também caracterizada, sobretudo na última década, pela enorme produção e circulação de conteúdos ou de informações falsas (*fake news*), um fenômeno que aponta para a exigência do desenvolvimento de competências de leitura crítica, na perspectiva dos Estudos Críticos do Discurso, conforme defendido por Angermüller (2018). Tal competência precisa ser aprimorada em aprendizes de todos os níveis educacionais, e essa demanda deve ser considerada por todos os docentes, de todos os níveis (educação básica, ensino superior), visto

⁷ Segundo Marshall MacLuhan (BBC Radio 4), a mensagem de qualquer meio é a mudança de padrão que ele introduz na sociedade, e a *internet* definitivamente alterou as relações humanas em todos os aspectos – desde o contato com outros ao modo como o indivíduo se locomove, trabalha, se expressa e se informa – e, em especial isso ficou claro no decorrer da pandemia da Covid-19 e posteriormente a ela.



Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros, Brenda Godinho Oliveira, Filipe de Jesus dos Santos, Ivne Victória Silva Nunes, Jéssica Débora de Jesus & Livia Kátia Gomes Silva

que sua atuação interfere na formação das gerações mais jovens, o que constituiu o foco desta investigação⁸.

Para Johannes Angermüller, prolífico teórico contemporâneo, é preciso que nos lembremos de que

existem lutas discursivas sobre a verdade, mas que nem todas as alegações de verdade têm o mesmo valor normativo. Há afirmações sobre realidades que podem se tornar verdadeiras por meio da força de grandes grupos sociais (pensemos na dinâmica do discurso na mídia de massa) e das trocas entre especialistas selecionados (por exemplo, pequenas comunidades acadêmicas e profissionais). Algumas alegações de verdade são sobre realidades sociais, outras sobre realidades não sociais. E muitas vezes, há um conflito entre diferentes tipos que emergem por meio de jogos que mobilizam recursos diferentes e seguem regras distintas (Angermüller, 2018, p.40)

Nesse contexto, é crucial compreender as estratégias (linguísticas e não linguísticas) mobilizadas, as relações (causais e as não causais) entre fatos e opiniões, as restrições e as representações que medeiam as práticas discursivas contemporâneas. Leurquin e Leurquin (a partir de discussão de Iretton; Posseti, 2019), evidenciam que, de acordo com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a expressão *fake news* é, inclusive, questionável:

porque “notícias” significam informações verificáveis de interesse público, e as informações que não atendem a esses padrões não merecem o rótulo de notícias. Nesse sentido, então, a expressão “notícias falsas” é um oxímoro (que exprimem conceitos contrários) que se presta a danificar a credibilidade da informação que de fato atende ao limiar de verificabilidade e interesse público – isto é, notícias reais (Leurquin; Leurquin, 2021, p. 271)

A Universidade de São Paulo (USP), por meio de seu Instituto de Estudos Avançados, assevera que tal termo foi eleito como “a expressão do ano”, em 2017, pelo dicionário Collins, que a definiu como “informações falsas que são disseminadas em forma de notícias, muitas vezes de maneira sensacionalista” (Herminio, 2022, s./p.); a partir desse “credenciamento” da nomenclatura, esta se popularizou.

Gomes e Lopes (2021) consideram que, apesar de ser esse um evento de notoriedade nos tempos atuais, a lógica de disseminação do que é falso data de épocas antigas, haja vista que “a sociedade sempre foi influenciada por informações erradas, mentiras deliberadas e teorias da

⁸ Esta investigação se insere no bojo de um projeto de pesquisa interinstitucional e internacional da Universidade Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas –, que agrega docentes de graduação e pós-graduação, em torno dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU; no caso em tela, inscrevemo-nos no ODS nº 4, “Educação de qualidade para todos”.



*Importância da formação acadêmico-científica para o combate à desinformação:
uma investigação exploratória*

conspiração” (Frias Filho, 2018 *apud* Gomes; Lopes, 2021, p. 164). Essas autoras salientam que há que se pensar a questão, ainda, de forma mais abrangente, considerando a grandeza e a complexidade da desordem informacional, a partir de três noções: a desinformação, a informação incorreta e a má informação. Segundo Wardle e Derakhshan (2017, p. 05, tradução nossa):

- Desinformação é quando informações falsas são compartilhadas sem a intenção de causar dano.
- Desinformação é quando informações falsas são compartilhadas intencionalmente para causar dano.
- Mal informação é quando informações genuínas são compartilhadas para causar dano, frequentemente transferindo para a esfera pública informações que deveriam permanecer privadas.⁹

Ferreira (2021, p.103) acrescenta que, para Wardle (2019), a desinformação é um rótulo que engloba distintas realidades, como: conteúdo falso (criado para fim de enganar e causar danos) ou conteúdo manipulado (fontes ou informações genuínas são distorcidas); conteúdo “impostor” (uso de imagens de instituições ou pessoas, a quem são imputados afirmações que não foram feitas por estes); conteúdo enganoso (em que há reformulação da história – em manchetes, por exemplo – ou uso ilegítimo de dados estatísticos); conexão falsa (entre imagens de eventos, de pessoas, etc. e as legendas atribuídas, por exemplo); contexto falso (“reciclagem” de conteúdos, de forma descontextualizada, visando a induzir a interpretação errônea).

A prática da desinformação se tornou ainda mais recorrente no mundo em cenários eleitorais, especialmente nas eleições dos Estados Unidos de 2016 e do Brasil de 2018 (Vasquez, 2022). Isso porque, como também assinala Hissa (2021), o ambiente de disputa política mobiliza, com maior facilidade e agilidade, os mecanismos de difusão das *fake news*, dado que elas

são formadas justamente com base nesse contexto de *sedimentação das narrativas* e formulação *identitária de oposição* “nós/eles”, uma vez que fazem parte de um conjunto de práticas que organizam a coexistência humana no *contexto conflituoso produzido pelas relações políticas* (Hissa, 2021, p. 48, grifo nosso).

Nesse cenário, a pandemia da Covid-19 trouxe à tona um processo particular à experiência informativa atual: a infodemia. Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas, 2020, s./p.), “o termo se refere a um excesso de informações, algumas, muito precisas e outras, não, sendo difícil encontrar fontes idôneas e orientações confiáveis”; havendo uma

⁹ “▪ Mis-information is when false information is shared, but no harm is meant. ▪ Dis-information is when false information is knowingly shared to cause harm. ▪ Mal-information is when genuine information is shared to cause harm, often by moving information designed to stay private into the public sphere.”



Ev'Ángela Batista Rodrigues de Barros, Brenda Godinho Oliveira, Filipe de Jesus dos Santos, Ivne Victória Silva Nunes, Jéssica Débora de Jesus & Livia Kátia Gomes Silva

descomunal produção, circulação e compartilhamento de informações, isso impede uma dedicação adequada à sua verificação e ao seu teor – torna-se difícil, inclusive, para as agências de *fact-checking* lidar com a situação. Tal “excesso de informação se dá em um contexto de desmediatização próprio da cultura digital, processo responsável pela vulgarização das *fake news*” (Hissa, 2021, p. 58), sendo que a própria lógica dinâmica das redes sociais facilita e impulsiona um tipo de compartilhamento de informações que não passa pelo crivo de checagem.

É, então, através de redes sociais digitais como o *Instagram*, o X (antigo *Twitter*), o *Facebook* e o *WhatsApp* que as informações perdem um intermediário, função de apuração antes exercida pelas mídias tradicionais; essa ausência caracteriza o processo de desmediatização. Por um lado, é interessante pensar que toda e qualquer pessoa tem o direito de se pronunciar sobre qualquer assunto, como o exercício de uma prática democrática do processo comunicacional; todavia, essa participação não possui uma metodologia rigorosa como se espera, por exemplo, da postura adotada nas esferas acadêmica e jornalística, bem como nos meios científicos. O problema é que, como salientamos na epígrafe, sem a checagem do teor e com o compartilhamento desregrado, a depender do nível de reverberação, esse dito (conteúdo falso, enganoso, impostor, etc.) pode ganhar *status* de verdade. Também pode se dar o inverso, a partir de uma educação informacional, pois “hoje, tudo que está na rede pode ser questionado, mesmo que tenha comprovação científica (Hissa, 2021, p. 59), como vimos em relação à proliferação do negacionismo (resistência à vacinação, crença no terraplanismo, etc.).

Não raro, devido a uma conjunção de fatores (desconhecimento sobre fontes mais apropriadas, desejo de informações rápidas, etc.), há pessoas que se informam basicamente pelas redes sociais – e, ainda que algumas desconfiem principalmente do *WhatsApp*, com relação à possibilidade de divulgação de notícias falsas, por vezes as compartilham acriticamente.

Um estudo realizado pela organização Luminare (2022) buscou pesquisar as impressões e comportamentos de cidadãos latino-americanos quanto às *fake news*, categorizando seus resultados por país. No Brasil, uma impressão expressiva foi a de que

Vários entrevistados afirmaram ter começado a *ganhar consciência política*, ao verem comentários nas redes de pessoas que seguiam ou de influenciadores de quem gostavam e com os quais concordavam. Tal processo também podia ser desencadeado por comentários com os quais estavam em desacordo, o que fazia com que *começassem a pensar sobre agendas* nas quais nunca tinham pensado. Desse modo, a *politização*



Importância da formação acadêmico-científica para o combate à desinformação: uma investigação exploratória

acaba ocorrendo muitas vezes em função da reação aos comentários alheios nas interações com influenciadores (Luminate, 2022, p. 17, grifo nosso).

Outra revelação significativa dessa pesquisa foi a de que a mídia tradicional, ainda que considerada pouco transparente, enviesada, com interesses determinados e, portanto, não confiável, continua aparecendo “como um ‘porto seguro’ diante da proliferação de notícias falsas na *internet*” (Luminate, 2022, p. 19).

O que fica inequívoco com esse fenômeno é que existem atitudes responsáveis para com ele, mas há de se ter, também, atitudes responsáveis, porquanto “as posições avaliativas do enunciador, atravessadas pelos valores ideológicos do(s) lugar(es) que ocupa no contexto sócio-histórico, podem ser capazes de *afetar a interlocução com a sociedade*” (Gomes; Lopes, 2021, p. 1, grifo nosso).

Este artigo se organiza da seguinte forma: feito esse preâmbulo, com que inserimos a temática, tratamos de aspectos verbo visuais, bem como atinentes ao gênero e à configuração linguística que capturam a adesão dos leitores para textos enganosos; em seguida, discutimos implicações do fenômeno sob diferentes óticas – pesquisadores individuais, instituições nacionais e internacionais; na seção subsequente, apresentamos nossa metodologia, seguida de alguns dos dados obtidos e a respectiva análise. Por fim, trazemos algumas considerações, sempre relevando a complexidade e as multifaces desse tema, que demandam um olhar mais sistêmico no que se refere à formação dos cidadãos, em todos os níveis.

2. Captura à primeira vista

Os elementos visuais usados para criação das *fake news* são um dos principais meios de captura para conquistar a atenção do leitor. Segundo Macedo, Oliveira e Lima (2022), esses elementos têm a capacidade de “insinuação” e, por utilizarem aspectos ideológicos como representações objetivas, podem ter uma resposta emotiva mais rápida e instintiva que um discurso verbal, um texto mais longo. Por ser uma resposta instintiva, essa afirmação entra em consonância com a ideia defendida por Seixas (2019), de que o problema com a verdade passa a ser meramente um ato de identificação com determinada crença; um ato, portanto, axiológico e afetivo, no qual *se creio, logo é verdade*. Ainda segundo Seixas (2019), as *fake news* estão para



Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros, Brenda Godinho Oliveira, Filipe de Jesus dos Santos, Ivne Victória Silva Nunes, Jéssica Débora de Jesus & Livia Kátia Gomes Silva

além da crença, alcançando o nível do gosto, da nossa resposta emotiva, reconstruindo a frase: *acredito, logo é verdade.*

A linguagem não verbal pode ser uma ferramenta poderosa na criação de narrativas enganosas, já que alguns elementos, como o uso de determinadas cores, podem despertar emoções no leitor. Teixeira (2022), em sua pesquisa, apresenta resultados que demonstram a recorrência de alguns aspectos visuais dos conteúdos falsos. Diante dessa perspectiva, a autora concluiu que os conteúdos falsos buscam se assemelhar com os parâmetros do *design* de notícias apuradas e transmitidas pelas mídias tradicionais, já que hierarquizam as informações, através de variações de tamanho, espessura e posicionamento, além de priorizarem a Figura no enquadramento. Não obstante, é evidenciada a ocorrência de alto nível de exagero no contraste das cores, que são sempre muito intensas. Destaca-se também o desalinhamento do texto, de Figura e símbolos; o excesso de informações; a discrepância entre os tamanhos dos elementos, ao lado de formas com baixa nitidez.

É importante estar ciente desses indícios, ao ler notícias na *internet*. Por isso, entendemos que o letramento informacional – aqui compreendido como a capacidade de ler, interpretar e refletir criticamente sobre o conteúdo recebido, bem como de criar enunciados diversos, de modo a participar de forma consciente das trocas languageiras no meio digital – revela quão mandatória é a aprendizagem de estratégias de leitura crítica dos textos. Macedo, Oliveira e Lima (2022) ressaltam a importância de haver intervenções educativas para entendermos seus significados implícitos e explícitos. Para confirmar esse argumento, Alexandre (2021) traz a seguinte Figura:

Figura 01 – Manchete publicada pela agência “Agência Lupa”



Importância da formação acadêmico-científica para o combate à desinformação: uma investigação exploratória



Fonte: Chico Marés, 2021 (apud Alexandre, 2021, p.85).

O título apresenta a asserção – “Israel diz que Bolsonaro tem razão” –, a qual, segundo Guimarães (2021), por uma relação metonímica entre o primeiro-ministro e seu país, confere oficialidade ao que está sendo dito. Também podemos observar as imagens das bandeiras juntas, numa ideia de apoio e união; porém, ainda segundo o autor, é preciso se atentar à manchete propriamente dita: “#Verificamos: É falso que Israel teve ‘melhor situação do mundo’ contra COVID-19 isolando apenas idosos [...]”. Nela, podemos observar a primeira estrutura de negação proposta (“Fato X é incorreto”). Dessa forma, é possível conferir que, à primeira vista, a ideia trazida é de união entre os países, mas o conteúdo da matéria afirma o oposto. Assim, se dá a necessidade da leitura crítica, mais aprofundada, dos componentes textuais, pois essas notícias acabam sendo acessadas apenas por essas postagens, sem que haja uma pesquisa adicional sobre sua veracidade, ou os usuários não chegam sequer a ler a matéria por completo (Macedo; Oliveira; Lima, 2022).

2.1 Implicações do fenômeno

Em alguma medida, caímos em *fake news* (assim como em golpes digitais que nos dão prejuízos financeiros, por exemplo) por mais antenados e bem informados que sejamos. Em um artigo da revista *Science*, chamado “O Cérebro Partidário”, de Van Bavel e Pereira (2018), é listado um conjunto de implicações que causam nossa propensão às notícias falsas.

Em primeiro lugar, o artigo fala sobre nossa tendência a rejeitar fatos que ameaçam nosso



Ev'Ángela Batista Rodrigues de Barros, Brenda Godinho Oliveira, Filipe de Jesus dos Santos, Ivne Victória Silva Nunes, Jéssica Débora de Jesus & Livia Kátia Gomes Silva

senso de identidade, isto é, admitir evidências que contraponham as nossas crenças e valores; temos uma particular vaidade em não aceitar aquilo que questione as nossas convicções. Isso reflete certa “fé cega” em determinadas opiniões, como ocorreu no contexto pandêmico brasileiro, em que não importava o que figuras públicas importantes dissessem, sem nenhuma comprovação científica (como “*cloroquina combate a Covid-19*”), para que houvesse a validação e a crença cega de seus apoiadores; a relação aí seria: *se eu acredito nele, ele não pode estar errado* (mesmo que estudos sérios, de instituições científicas do mundo inteiro, evidenciassem o oposto).

Em outro aspecto, o artigo cita também o caráter grupal, elemento quase fundante de nossa natureza: o desejo de participarmos de (e de nos vincularmos a) um determinado grupo torna assustadora a ideia de mudar alianças e convicções. Contudo, a mudança mostra-se necessária (às vezes, inevitável), em especial quando travamos contato com novos fatos e evidências, mesmo que esses contradigam nossas convicções. Como elemento catalisador, as mídias surgiram, deixando mais rápida a propagação de notícias, sejam falsas ou não; e vinculando pessoas, que compartilham e validam um conjunto de notícias falsas e não verificadas.

Destaca-se também, no artigo escrito por Van Bavel e Pereira (2018), que textos sensacionalistas causam mais impacto, dadas as suas manchetes fortes e geradoras de atenção. Aquilo que causa estranheza parece despertar em nós certo desejo e curiosidade. No artigo *Gosto, logo acredito: o funcionamento cognitivo argumentativo das fake news – trabalhando na mesma ótica*, dos pesquisadores Van Bavel e Pereira (2018), o autor explora como as crenças são mecanismos de caracterização daquilo que é verdade, traduzindo a proposição da seguinte maneira: *se creio, logo é verdade*.

Notícias falsas têm sido concebidas, em uma dimensão mais ampla, como “desordem informacional”, como mostra Alexandre (2021), no artigo intitulado como *O Papel da memória discursiva em manchetes que desmentem notícias sobre a COVID-19*, em que ele discute o cenário no qual estava o Brasil quando foi noticiada a disseminação do Coronavírus, cujo início se deu em Wuhan, na China. A Organização Mundial da Saúde (OMS) foi informada, no dia 31 de dezembro, sobre o início de uma doença desconhecida, que rapidamente espalhou-se pelo



Importância da formação acadêmico-científica para o combate à desinformação: uma investigação exploratória

mundo todo, assim sendo meio e motivo para o compartilhamento de notícias enganosas e falsas que tentavam descrevê-la e que, posteriormente, serviu de motivação para questões políticas que envolviam vários países.

Esse fenômeno de envios e criações de *fake news* foi nomeado pelo diretor-geral da OMS de “infodemia” e, segundo referenciado no texto em questão, gerou e continua gerando consequências negativas no âmbito econômico e político do país – seja por meio do compartilhamento de informações falsas com ou sem o objetivo explícito de causar danos, seja pelo compartilhamento de informações parcialmente falsas, com o objetivo de causar danos a pessoas, organizações ou países. Para o autor referido, “[n]a dinâmica da desinformação, esse comportamento está associado a graves problemas em diferentes esferas de atividade humana, como relações diplomáticas, turismo, eventos, além de impactos sobre a economia” (Alexandre, 2021, p. 72).

Essa prática de compartilhamento de *fake news* aumentou a necessidade de ação das empresas de *fact checking*, para a verificação e a (in)validação das notícias vindas a público. A checagem de informações, de acordo com o autor, aumentou nos anos 2000, sendo a empresa “Lupa” uma representante dessa prática no Brasil. Além disso, buscou refletir sobre como a classificação de uma notícia falsa por determinadas empresas, atribuindo uma negação às manchetes, possibilitou estudar sobre as *fake news* e a memória discursiva presente nas notícias quando aplicada determinada técnica. Essa nova configuração de um mundo imerso em uma ordem de informação em massa condiciona as questões políticas globais, reconfigurando o mundo em uma dimensão de pós-verdade e mudando os caminhos de eleições a partir de notícias falsas, tornando complexa a solução e a precisão de resoluções em um contexto pandêmico.

3. Aspectos metodológicos

Esta investigação visou a compreender em que consiste o fenômeno das *fake news*, suas particularidades e suas implicações na vida cotidiana da sociedade, afinal, com sua grande circulação, as habilidades de leitura crítica, interpretação e investigação são postas à prova a todo momento. Além disso, percebemos que o caráter visual, imagético, representa um desafio, por sua substancial capacidade de *insinuar* verdades e de capturar leitores à primeira vista.



Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros, Brenda Godinho Oliveira, Filipe de Jesus dos Santos, Ivne Victória Silva Nunes, Jéssica Débora de Jesus & Livia Kátia Gomes Silva

Compreendemos, em nosso estudo, que as *redes sociais* são o principal espaço de veiculação dessas *notícias falsas* e que a educação analítica e científica é provavelmente a forma mais segura e prudente de se instruir e capacitar sujeitos leitores para possíveis interações com esse tipo de comunicação.

Segundo Marshall MacLuhan (BBC Radio 4), a mensagem de qualquer meio é a mudança de padrão que ele introduz na sociedade, e a *internet*, juntamente com as redes sociais, transformou significativamente as relações humanas, nas mais variadas formas e sob diversos aspectos. Tal conjuntura ficou ainda mais evidente a partir de 2020, quando atravessamos a pandemia de Covid-19, em que a quase exclusiva forma de contato era através do universo virtual. Nesse cenário, o fenômeno das *fake news*, já característico de nossas sociedades (Hissa, 2021, p. 46), alastrou-se ainda mais, e em especial lidamos com efeitos deletérios dessa propagação no Brasil.

Atualmente, passamos pelo chamado “período pós-pandemia”, em que é possível notar consequências diretas do momento anterior, sejam sanitárias, interacionais ou de outra ordem. Por exemplo, como as pessoas têm cuidado de sua higiene, se relacionado com pessoas próximas e mesmo consultado informações *on-line* depois da experiência do Coronavírus? Houve mudanças consideráveis em seu hábitos e comportamentos? Em função dessas indagações, procuramos, por meio de etapas que envolviam pesquisa teórica e análise empírica, investigar como os universitários têm percebido e lidado com as práticas comuns ao fenômeno das *fake news*, principalmente quando ele tem sido tão debatido, tornando-se, inclusive, tema de projeto de lei em nosso país.

Depois de estudos sobre a temática, o que incluiu a assistência a uma *live* sobre a temática e a leitura de artigos selecionados pelas docentes orientadoras (realização de pesquisa exploratória, bibliográfica), foi produzida uma resenha temática por grupos (de três ou quatro alunos), o que subsidiou a elaboração conjunta, pela turma de graduação (6º período) do Curso de Letras da PUC Minas, no 1º semestre de 2023, de um *Google form* extenso, contando com a participação de discentes e a orientação docente. Posteriormente, das 71 questões elaboradas e organizadas neste grande repositório de perguntas, sobre temáticas diversas – *fake news* na educação, na saúde (campanha antivacinação), na política, etc. – cada grupo deveria extrair os



Importância da formação acadêmico-científica para o combate à desinformação: uma investigação exploratória

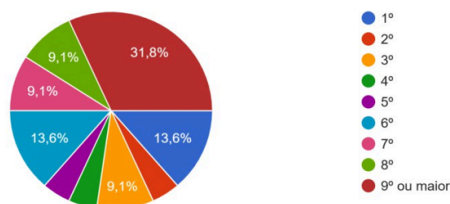
itens para compor o seu questionário próprio, tendo uma 1ª seção com perguntas comuns (perfilamento dos respondentes) e outra, específica, conforme o subtema escolhido.

Aplicamos, então, esse formulário do *Google* resultante da seleção pelos grupos, e convidamos a estudantes de vários cursos, de universidades diversas, matriculados em quaisquer períodos, para perscrutar como (e se) estão lidando com o fenômeno. Esse documento consistiu em 20 perguntas, objetivas e/ou discursivas, e ficou ativo por 10 dez dias durante o mês de junho do mesmo ano, nas redes sociais (*Instagram* e *X*) dos discentes de cada grupo. Por razões éticas, para acessar o questionário, os interessados deveriam ler um termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), em que ficavam cientes do teor da investigação e aceitavam dela participar sem ônus ou bônus de quaisquer natureza.

Foram obtidos 22 retornos, de estudantes que compuseram um grupo heterogêneo com diferentes idades, cursos e períodos, em diversas Instituições de Ensino Superior (IES) de Minas Gerais, predominando vários *campi* da PUC Minas. A maioria dos respondentes se declararam sexo feminino (51%); 49% do masculino. A faixa etária predominante foi entre 18 e 29 anos (77%), e estudava, à época, nos cursos de Letras (majoritariamente), bem como no Direito, na Fisioterapia, no Audiovisual, entre outros.

Figura 02 – Período em que os participantes estão matriculados

Período em que se encontra
22 respostas



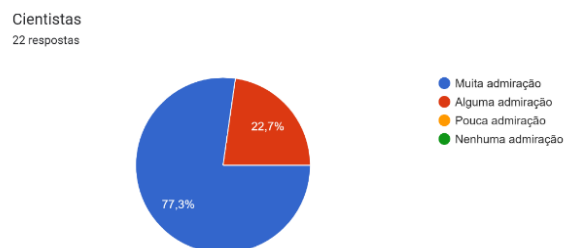
Fonte: Dados da pesquisa.

Para perfilamento dos respondentes, pedimos que indicassem a admiração que sentem por determinados profissionais – indicaram “muita admiração” por médicos (63,6%), professores (99,5%), padres e pastores (31,6%), jornalistas (22,7%).



Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros, Brenda Godinho Oliveira, Filipe de Jesus dos Santos, Ivne Victória Silva Nunes, Jéssica Débora de Jesus & Livia Kátia Gomes Silva

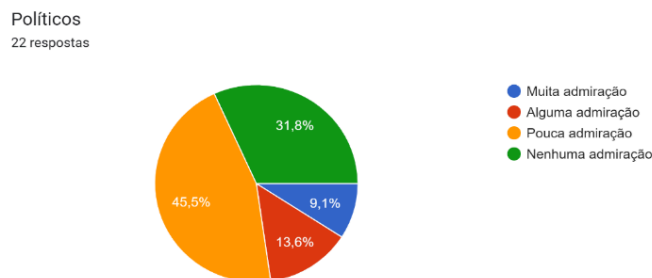
Figura 03 – Admiração por certas profissões: cientistas



Fonte: Dados da pesquisa.

Entre os menos admirados, encontram-se os políticos brasileiros (nenhuma: 31,8%, alguma: 8,1%; pouca: 45,5%):

Figura 04 – Admiração por certas profissões: Políticos



Fonte: Dados da pesquisa.

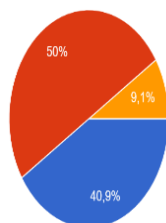
Buscamos identificar o interesse por temas diversos – 40,9% se dizem muito interessados por Ciência e Tecnologia; 59,1% por educação e cultura. No entanto, ao indagarmos sobre leituras em materiais específicos de divulgação científica (impressos, digitais) ou escuta de materiais sonoros (como programas de rádio ou podcasts), o resultado é incongruente:

Figura 05 – Interesse por temas específicos



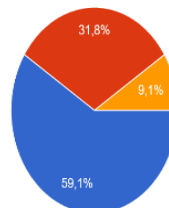
Importância da formação acadêmico-científica para o combate à desinformação: uma investigação exploratória

Ciência e tecnologia
22 respostas



● Muito interessado
● Interessado
● Pouco interessado
● Nada interessado

Educação e cultura
22 respostas



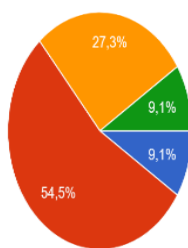
● Muito interessado
● Interessado
● Pouco interessado
● Nada interessado

Fonte: Dados da pesquisa.

Perguntamos aos universitários se se sentem informados sobre os seguintes temas: ciência e tecnologia, educação e cultura, esportes, política, curiosidades e fofocas, esoterismo e afins. Nota-se que 63,6% se dizem informados e cerca de 4% muito informados sobre a primeira temática. Todavia, ao indagarmos sobre as fontes de aquisição desses conhecimentos, percebe-se que leitura é preterida e que a internet é utilizada mormente para o entretenimento:

Figura 06 – Fontes de Informação

Lê notícias científicas divulgadas nos jornais impressos e/ou on-line?
22 respostas



● Sempre
● De vez em quando
● Raramente
● Nunca

Fonte: Dados da pesquisa.

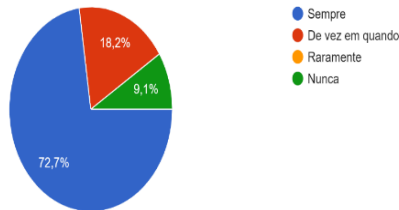
Figura 07 – Usos da internet: entretenimento

Figura 08 – Usos da internet: ciência



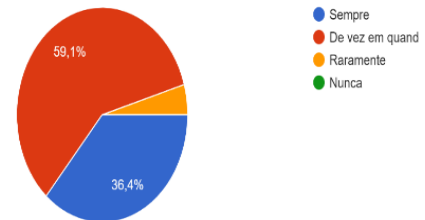
Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros, Brenda Godinho Oliveira, Filipe de Jesus dos Santos, Ivne Victória Silva Nunes, Jéssica Débora de Jesus & Lívia Kátia Gomes Silva

Utiliza a internet para buscar fontes de entretenimento (vídeos, séries, etc.)
22 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

Utiliza a internet para procurar informação sobre ciência?
22 respostas



Fonte: Dados da pesquisa.

Esse pequeno conjunto de dados já sinaliza alguns comportamentos dos jovens brasileiros, a despeito da amostragem pequena: ter acesso à internet e a fontes de informação não redonda em conhecimentos ou formação crítica, sem que haja uma intervenção dos educadores.

A partir do questionário, pretendemos mapear os hábitos desses graduandos no que tange às suas práticas de leitura (virtual ou impressa) cotidianas, por quais assuntos mais se interessam, como se sentem se algo que lhe é particular (como sua religião) é alvo de *fake news*, quais são seus níveis de confiabilidade em relação aos que as compartilham (no que concerne a família, amigos, instituições públicas e privadas) e como reagem ao receberem tais mensagens (se as verificam ou não).

Além de questionamentos comuns a todos os grupos, para identificação dos perfis e posturas dos respondentes, cada subequipe selecionou outros, conforme seu interesse, e que se dedicavam a sondar mais detidamente tópicos específicos das *fake news*. Para os fins desta análise, selecionamos alguns deles para examinarmos de maneira mais aprofundada:

01. Você sabe o que é *fact checking*?¹⁰

- () Sim, são setores da indústria que se preocupam com a informação que chega ao leitor.
- () Sim, são instituições *on-line* que lutam por melhores condições de navegação na *internet*.
- () Sim, são agências destinadas a verificar a procedência e a veracidade de informações publicadas na rede.
- () Não, não sei o que *fact checking* significa, mas vou pesquisar para me informar.
- () Não, não sei o que *fact checking* significa, mas não me parece importante saber.

02. Você está a par da tramitação da “Lei das *Fake News*”, a PL 2630?

- () Sim, estou acompanhando sua tramitação.
- () Sim, mas não estou acompanhando.

¹⁰ Essa numeração se dedica a estruturar a organização e a facilitar o processo de análise aqui pretendido, não representando a mesma ordem ou numeração utilizada no questionário aplicado.



Importância da formação acadêmico-científica para o combate à desinformação: uma investigação exploratória

() Não, não sei do que se trata.

03. Pergunta discursiva:

Onde você costuma procurar por informações que considera válidas?

Cite pelo menos duas fontes, por favor.

04. Como as grandes empresas de tecnologia deve(ria)m lidar com informações comprovadamente falsas que circulam em seus ambientes digitais?

() Por elas já se preocuparem com essas questões, devem ter total liberdade para agir no que tange à resolução do problema.

() Devem se submeter às regulamentações específicas de cada país, orientadas pelo governo e por suas agências de fiscalização.

() Devem remover tais conteúdos de seus espaços digitais imediatamente, assim que tomarem conhecimento do fato.

() Só devem ser obrigadas a agir quando impelidas judicialmente.

A partir dessas indagações, passamos à análise mais aprofundada de cada uma delas.

4. Resultados e discussões

Iniciamos com a questão **um**, com a qual inquirimos sobre o conhecimento do respondente a respeito do que é *fact checking* — ou verificação de fatos —, pois, atualmente a sociedade está mergulhada em uma realidade profundamente midiática, como vimos em nossa pesquisa. A agilidade para criação, publicação e compartilhamento de informações dificulta ao sujeito distinguir a informação falsa da verdadeira. Assim, o *fact checking* surge como uma ferramenta importante para combater a disseminação de notícias falsas e promover um jornalismo mais responsável e transparente. Trata-se do processo de verificação rigorosa dos dados apresentados em uma notícia, de modo a confirmar sua veracidade ou apontar eventuais distorções, ou erros. A prática do *fact checking* pode ser realizada por profissionais jornalistas ou por organizações independentes dedicadas a esse fim, que buscam verificar as informações antes de publicá-las ou, quando necessário, corrigi-las. O objetivo é oferecer ao público informações confiáveis e precisas, contribuindo para a formação de uma opinião pública mais esclarecida e crítica.

A escolha dessa questão se justifica, já que o enfrentamento das *fake news* se tornou ainda mais relevante no contexto político atual, em que a manipulação da informação pode comprometer processos eleitorais, difamar adversários e influenciar a opinião pública em questões cruciais para a sociedade. Nesse sentido, a checagem de fatos se constitui como uma

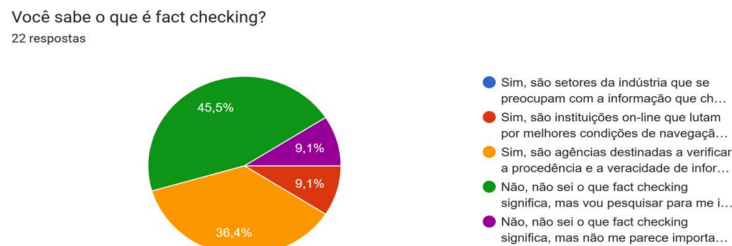


Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros, Brenda Godinho Oliveira, Filipe de Jesus dos Santos, Ivne Victória Silva Nunes, Jéssica Débora de Jesus & Livia Kátia Gomes Silva

ferramenta fundamental para a preservação da democracia, garantindo a transparência e a credibilidade dos meios de comunicação.

Os resultados obtidos evidenciam uma porcentagem relevante para a análise, por apresentarem dados semelhantes. A maioria afirmou não saber do que se trata *fact checking*, mas que pesquisará sobre o termo para se informar (45,5%), e próxima a essa porcentagem, temos 36,4% que conhecem e afirmam ser agências destinadas a verificar a procedência e a veracidade de informações publicadas na rede. Em empate dos dados, com 9,1% cada, numa alternativa, os respondentes declaram serem instituições *on-line* que lutam por melhores condições de navegação na *internet*. Já a outra alternativa diz não saber o que *fact checking* significa, mas não parece importante saber. Vale ressaltar que a primeira alternativa não teve nenhuma marcação.

Figura 09 – Informações sobre *fact checking*



Fonte: Dados da pesquisa.

Analisando à luz dos períodos em que os participantes da pesquisa estão cursando, é importante destacar que as duas alternativas mais marcadas foram escolhidas por um conjunto heterogêneo, de veteranos dos diversos períodos: não sabem o que são agências de checagem (45,5%), ao lado dos que dizem sabê-lo (36,4%) . Entretanto, os que afirmam conhecer e dizem ser agências destinadas a verificar a procedência e a veracidade de informações publicadas na rede se concentram mais nos anos finais do curso; a opção pela alternativa que indicia interesse por pesquisar para ficar informado aparece desde o primeiro período. Isso indica haver uma diferença de conhecimento e de interesse na busca por informações confiáveis entre os estudantes. Aqueles que já possuem conhecimento sobre o assunto tendem a estar mais próximos do término da graduação, o que pode indicar uma maior especialização em suas áreas de estudo.



*Importância da formação acadêmico-científica para o combate à desinformação:
uma investigação exploratória*

Já os que ainda não conhecem o termo e demonstram interesse em pesquisar sobre ele desde o início da graduação mostram-se mais proativos na busca por informações atualizadas.

Em síntese, podemos concluir que a maioria dos respondentes não conhece o termo *fact checking*, mas, ao serem confrontados sobre o seu significado, mostram disposição para se informar. Uma parcela significativa dos entrevistados já sabe do que se trata e entende a importância das agências especializadas nessa área, enquanto uma minoria não parece se importar com a veracidade das informações divulgadas na *internet*. Os dados revelam a necessidade de conscientizar a população sobre a importância do *fact checking* para o combate às *fake news* e a promoção de uma informação mais confiável. Por isso, é essencial o letramento midiático, informacional e científico para formar cidadãos, conforme se constata neste momento da pós-verdade.

Em seguida, no que tange à questão que aborda a consolidação das redes digitais e a forte influência política e social que os mecanismos de divulgação de informação obtiveram, tendo um papel em eleições de diferentes lugares do mundo, em particular nos Estados Unidos e no Brasil, como força de manipulação eleitoral e construção de imaginário, através do compartilhamento de notícias falsas e o redirecionamento das pessoas em consonância com interesses pessoais de políticos e partidos, tornou-se imprescindível repensar qual é a medida das informações divulgadas nas redes. Seu potencial catalisador já é reconhecido; tamanho poder persuasivo e tantas vezes irrefreável demandou que as lideranças discutissem modos de lidar mais fortemente com a questão das *fakes news*.

Países da Europa, juntamente com alguns outros, como a Austrália e os Estados Unidos, têm lidado com a questão da regulação das redes, mais precisamente medindo os limites em que as informações podem circular, isto é, estabelecendo um conjunto de mecanismos de transparência que se impõe sobre as grandes empresas de tecnologias (denominadas de *big techs*) e demandando que haja, sobre as informações divulgadas nessas plataformas, um maior rigor de análise e verificação.

Nesse contexto, o Brasil iniciou debates acerca da responsabilidade das redes, colocando em questão como as empresas de tecnologia devem ou não atuar; trata-se de pensar um modelo regulatório eficiente e preciso. O senador Alessandro Vieira, representante do CIDADANIA/SE,



Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros, Brenda Godinho Oliveira, Filipe de Jesus dos Santos, Ivne Victória Silva Nunes, Jéssica Débora de Jesus & Livia Kátia Gomes Silva

encaminhou a proposta de um projeto de lei, também chamado de “Lei das *Fake News*”, que busca o explicado em seu artigo 1º:

Estabelece normas, diretrizes e mecanismos de transparência para provedores de redes sociais e de serviços de mensageria privada a fim de garantir segurança, ampla liberdade de expressão, comunicação e manifestação do pensamento (Brasil, 2020).

O caráter de urgência e a relevância da questão evidencia o fator inerente da *internet* no contexto social: segundo dados da Forbes, de outubro de 2022, são incríveis 5 bilhões de usuários de *internet* ativos pelo mundo, pessoas que circulam pelo ambiente digital, e que, por sua vez, depositam seus dados, os quais são revendidos em forma de publicidade. Para se ter uma dimensão, todas as grandes redes são ocupadas por usuários que passam da casa de bilhões, o que se configura como algo, em termos de impacto e influência, nunca antes visto. A tramitação da PL das *Fake News* é de grande relevância na pesquisa em questão, investigada e discutida em nossos estudos. Temos 52,6% dos estudantes respondendo que conhecem o projeto de lei, porém não têm acompanhando seus trâmites; aqueles que conhecem e acompanham a tramitação configuram-se 21,1%, e os que disseram não conhecer o projeto de lei resultam em 26,3%. Mais precisamente aqueles que dizem saber e estar acompanhando, tendem a ser a maioria dos períodos finais, configurando 26,3%, sendo somente uma única pessoa dos períodos iniciais. Aqueles que conhecem o projeto de lei, mas não estão acompanhando, dos períodos finais e iniciais são igualmente 21,05%. Enquanto aqueles que desconhecem o projeto de lei, sendo dos períodos finais 10,53%, enquanto os períodos iniciais compreende 15,79%¹¹.

Relativamente à questão discursiva, a ideia de deixá-la nesta modalidade pareceu mais profícua no sentido de oportunizar ao respondente citar quais veículos costuma consultar para se informar e se, efetivamente, *chega a consultar algum*. O fato de que 5 dos 23 participantes, que somam 21,7%, não responderam ao enunciado é um indicativo nesse sentido. Desses, 5 são mulheres, duas estão no começo de seus cursos, duas no final e uma na fase intermediária. Essa questão incluía duas instruções a que devemos atentar: “Onde você costuma procurar por

¹¹ Atualmente, temos os PL790/2025, cujo status é “Aguardando Parecer do(a) Relator(a) na Comissão de Comunicação (CCOM)”. Traz como ementa: “Dispõe sobre o combate a disseminação de notícias falsas (*fake news*) nas plataformas digitais e veículos de comunicação, garantindo que os responsáveis pela propagação inverídica sejam penalizados, através da garantia ao direito de resposta dos ofendidos de forma automática, sem precisarem recorrer ao judiciário, no caso, inclusive, por conteúdos divulgados de forma anônima, sendo responsabilizadas as plataformas de comunicação, em complemento ao PL 2630/2020”. Os avanços são bem lentos. (Fonte: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2486056>. Acesso em: 20 set. 2025).



*Importância da formação acadêmico-científica para o combate à desinformação:
uma investigação exploratória*

informações *que considera válidas*? Cite *pelos menos duas* fontes, por favor”. Em primeiro lugar, a questão direciona o respondente para um veículo em que ele confie, que ele *considere válido*, que seja, para ele, genuíno: já aí temos uma triagem, pois, em se tratando de circulação de informações, como vimos no estudo anterior, a *infodemia* dificulta a localização de fontes idôneas e a distinção dessas com relação a outras, justamente por causa de sua quantidade excessiva, impraticável. Nisso, podemos deduzir também uma certa constância de acesso desse leitor, ao lembrar desse veículo determinado para citá-lo. Em segundo lugar, o enunciado pede por *pelos menos duas* fontes, para contemplar uma possível variedade, que preencha, claro, o primeiro requisito analisado.

Quanto às respostas, nesse sentido, tivemos alguns casos que foram respondidos com apenas uma fonte ou foram mencionados *sites* e revistas em geral, *não os especificando*, como “(1) jornais *on-line* e perfis no *Instagram* comprometidos com a divulgação consciente da verdade; (2) artigos científicos e jornais de grande circulação; ou (3) agências de notícias”. O segundo exemplo nos sugere um sujeito leitor que, mesmo com a graduação em andamento, já tem em sua rotina gêneros próprios desse ambiente e o primeiro uma percepção interessante a respeito do conceito de verdade, afinal, o que pode ser considerado como verdade, tendo em vista nosso estudo que põe em xeque essa noção? Verdade é algo que se crê, algo que se verifica, ambos ou nenhum dos dois? E como um usuário dessa rede social pode distinguir perfis que se comprometam com essa noção, quando, na prática, são eles que fornecem os parâmetros?

Além disso, obtivemos muitas repetições, como o Google (citado três vezes), e o G1 (citado seis vezes), por estudantes do começo, do meio e do fim de suas graduações. Era de se esperar que o Google fosse mencionado, uma vez que é o buscador mais usado na atualidade, funcionando de modo a criar um grande banco de dados ao analisar arquivos rastreados na internet que são armazenados em seu índice¹². Inclusive, houve um participante do 8º período do curso de Letras que indicou precisamente o Google Acadêmico como uma fonte de consulta. Surpreendente é o fato de que o G1 seja mencionado o dobro de vezes que este buscador. Supõe-se quais seriam as possíveis razões: a proximidade, tendo em vista que esse veículo é brasileiro, o que implica, inclusive, uma proximidade de linguagem, a organização em

¹² CENTRAL da pesquisa Google. **Guia detalhado sobre como a pesquisa Google funciona**. Disponível em: <https://developers.google.com/search/docs/fundamentals/how-search-works?hl=pt-br>. Acesso em: 19 jun. 2023.



Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros, Brenda Godinho Oliveira, Filipe de Jesus dos Santos, Ivne Victória Silva Nunes, Jéssica Débora de Jesus & Livia Kátia Gomes Silva

reportagens mais importantes do dia e do mundo ou mesmo o fato de que ele dispõe de perfis nas principais redes sociais, em especial no Twitter (Lisboa; Ciriaco, 2022), que permite o redirecionamento para o link específico da reportagem.

Em contrapartida, tivemos participantes que mencionaram duas ou mais fontes, diversificadas, mas que ainda se circunscrevem, majoritariamente, no ambiente digital, como o *site* Padre Paulo Ricardo, Brasil Paralelo, canais científicos do *YouTube*, CNN, Brasil 247, R7, Mídia Ninja e Folha de São Paulo, menções que se distribuem desde o primeiro ao nono período das graduações. Ainda, sopesando o mapeamento dos hábitos desses 22 estudantes, somente dois responderam que consultam livros, em tese, impressos, um do segundo e uma do nono período do curso de Letras. Ainda que a maior parte dos respondentes da pesquisa pertença a esse curso, apenas esses dois se manifestaram da maneira indicada, e não citaram obras específicas; e, mesmo que assim tenham respondido, ambos não deixaram de incluir, em seus comentários, consultas digitais, como a *internet* em geral, diário oficial, *sites* de órgãos regulamentadores e revistas eletrônicas.

Cabe refletirmos, à vista disso, sobre a proposição que discutimos a respeito de serem as redes sociais e o ambiente virtual os principais meios de propagação das *fake news*. Há realmente que se considerar formas de afinar, cada vez mais, as habilidades de leitura crítica da população, e não apenas a pertencente a um seletivo grupo, mas *toda* a população, uma vez que os meios em que se informam e podem se instruir *são os mesmos* em que podem circular as mais diversas espécies de *fake news*.

Em relação à última questão *destacada*, a disseminação de informações comprovadamente falsas nas plataformas digitais é um desafio significativo enfrentado pelas grandes empresas de tecnologia, nos dias de hoje. Como guardiãs dos espaços *on-line*, em que bilhões de pessoas se conectam, essas empresas têm a responsabilidade de lidar de forma eficaz com esse problema e minimizar o impacto negativo que as informações falsas podem causar. Os resultados da pesquisa evidenciam que 42,1% dos entrevistados acreditam que a melhor decisão, para as *big techs*, é se submeterem às regulamentações específicas de cada país, orientadas pelo governo e por suas agências de fiscalização. A segunda opção mais votada, com 36,8%, demonstra que os participantes acreditam que devam remover tais conteúdos de seus espaços



digitais imediatamente, assim que tomarem conhecimento do fato.

Destaca-se que, nessa questão, os alunos de períodos iniciais e finais optaram, de forma homogênea, pela mesma resposta. Todavia, a pesquisa também revela que 10,5% dos participantes, alunos do 7º e 9º período, presumem que as empresas já se preocupam com essas questões e devem ter total liberdade para agir no que tange à resolução do problema. Sob essa perspectiva, é imprescindível pensarmos que um dos principais dilemas é a falta de políticas rigorosas e consistentes contra a disseminação de informações falsas. Embora algumas empresas tenham implementado diretrizes contra as *fake news*, muitas vezes, tais políticas são vagas e deixam margem para interpretações distintas. A falta de clareza nesse sentido permite que informações falsas continuem a circular impunemente, prejudicando a confiança do público nas plataformas e propagando a desinformação. É essencial que essas empresas estabeleçam políticas claras e rigorosas contra a disseminação de informações falsas em suas plataformas; e que a legislação pertinente seja transparente e amplamente divulgada para os usuários, delineando as diretrizes e consequências para a violação das regras. Ao criar um ambiente digital com normas bem definidas, as empresas podem desencorajar ativamente a disseminação de informações falsas entre os usuários.

5. Considerações finais

Hodiernamente, sobretudo numa época em que estão em voga as tecnologias de inteligência artificial (IA), e, igualmente, as possibilidades de se deparar com as *fake news* nos contextos mais cotidianos, refletir e ter uma atitude crítica diante do ambiente digital se faz imprescindível. Para que não sejam disseminadas danosamente e consigam manipular a opinião pública, através de textos tendenciosos, verbais ou não, ocasionando a desinformação e a influência negativa na tomada de decisões as mais diversas, o debate sobre o tema faz-se imperioso.

Pretendemos, com esta pesquisa, desde a elaboração de um conjunto extenso de questões de interesse até a seleção de subtemas específicos, reunir informações, teorias, dados e reflexões justamente para fornecer contribuições para tal discussão de tamanha magnitude. Com a revisão bibliográfica, por meio de pesquisa exploratória e qualitativa, complementada com a análise dos



Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros, Brenda Godinho Oliveira, Filipe de Jesus dos Santos, Ivne Victória Silva Nunes, Jéssica Débora de Jesus & Livia Kátia Gomes Silva

dados empíricos obtidos, observamos uma convergência no sentido de reconhecer, criticamente, que ainda há muito o que realizar para que sejamos, de fato, competentes no tratamento das *fake news*. Em especial, pudemos constatar a presença e a influência que têm as redes sociais e a *internet* nas vivências aqui recortadas, sendo esses espaços, então, dominantes no que concerne tanto às maneiras de nos informarmos quanto à possibilidade de percepção de *fake news* – somente um letramento informacional e científico apropriado, no âmbito de toda a escolarização – desde a educação básica ao ensino superior – pode desarmar os efeitos deletérios desse processo de desinformação generalizada. Tendo em vista que as *notícias falsas* podem circular a todo momento, em qualquer lugar, desenvolver habilidades de leitura crítica, buscar e verificar a procedência e a autenticidade das informações antes de compartilhá-las, além de consultar fontes confiáveis e se habituar a realizar, pessoalmente, o *fact checking* para se informar torna-se basilar na edificação de uma sociedade mais consciente e responsável com suas práticas cotidianas.

Referências

- ALEXANDRE, Gabriel Guimarães. O papel da memória discursiva em manchetes que desmentem notícias sobre Covid-19. **Scripta**, 2021. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/article/view/26605/18953>. Acesso em: 14 maio 2023.
- ANGENMULLER, Johannes. A verdade na era da pós-verdade: por um Programa Forte em Estudos do discurso. In: **REDIS: Revista de Estudos do Discurso**, 7: 36-61, 2018.
- BBC RADIO 4. **The Medium is the Message**. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ko6J9v1C9zE>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- BRASIL. Projeto de Lei nº 2630, de 13 de maio de 2020. Institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet. Brasília, DF: Senado Federal, 2020. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/141944>. Acesso em: 13 jun. 2023.
- CENTRAL da pesquisa Google. **Guia detalhado sobre como a pesquisa Google funciona**. Disponível em: <https://developers.google.com/search/docs/fundamentals/how-search-works?hl=pt-br>. Acesso em: 19 jun. 2023.
- FERREIRA, Eliara Santana. Desinformação, desinfodemia e letramento midiático e informacional – um estudo do processo estruturado no Brasil sob o governo Jair Bolsonaro e as formas de enfrentamento. In: ASSIS, Juliana Alves; KOMESU, Fabiana; POLLET, Marie-Christine (org.). Desordem informacional e propagação de fake news: a importância da formação do leitor. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 25, n. 54, 2021. p. 96-128. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/issue/view/1302>. Acesso em: 20 jun. 2025.
- GOMES, Fernanda Santana; LOPES, Maria Ângela Paulino Teixeira. Infodemia e construção signífica – movimentos responsivos sob a retórica da pós-verdade. In: ASSIS, Juliana Alves;



*Importância da formação acadêmico-científica para o combate à desinformação:
uma investigação exploratória*

KOMESU, Fabiana; POLLET, Marie-Christine (org.). Desordem informacional e propagação de fake news: a importância da formação do leitor. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 25, n. 54, 2021. p. 158-189. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/issue/view/1302>. Acesso em: 20 jun. 2023.

GOOGLE. **Formulários**. Disponível em: <https://docs.google.com/forms/u/0/>. Acesso em: 18 jun. 2023.

HERMINIO, Beatriz. *Fake News*: origem, usos atuais e regulamentação. **Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo**. 12 abr. 2022. Disponível em: <https://www.iea.usp.br/noticias/fake-news-origem-usos-atuais-e-regulamentacao>. Acesso em: 13 maio 2023.

HISSA, Débora Liberato Arruda. Desmediatização, infodemia e *fake news* na cultura digital. In: ASSIS, Juliana Alves; KOMESU, Fabiana; POLLET, Marie-Christine (orgs.). Desordem informacional e propagação de fake news: a importância da formação do leitor. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 25, n. 54, 2021. p. 40-67. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/issue/view/1302>. Acesso em: 20 jun. 2023.

LEURQUIN, Eulália Vera Lúcia Fraga; LEURQUIN, Chloé. *Fakes News*, desinformação e necessidade de formar leitores críticos. In: ASSIS, Juliana Alves; KOMESU, Fabiana; POLLET, Marie-Christine (orgs.). Desordem informacional e propagação de fake news: a importância da formação do leitor. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 25, n. 54, 2021. p. 265-295. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/scripta/issue/view/1302>. Acesso em: 20 set. 2025.

LISBOA, Alveni; CIRIACO, Douglas. Twitter decide banir links para outras redes, mas desiste em menos de 24h. **Canaltech**, 19 dez. 2022. Disponível em: <https://canaltech.com.br/redes-sociais/twitter-suspende-politica-que-proibia-links-para-outras-plataformas-233390/>. Acesso em: 19 jun. 2023.

LUMINATE. Building stronger societies. **Juventudes e Democracia na América Latina**. jan. 2022.

MACEDO, Litiane Barbosa Barbosa; OLIVEIRA, Isabel de Souza; LIMA, Lucas Melo de. Multimodalidade e *fake news*: investigando os significados visuais nas postagens do *Facebook* contendo notícias falsas. **Entrepalavras**, 2022. Disponível em: www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/2279. Acesso em: 14 maio 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA – UNESCO. **Jornalismo, Fake News e Desinformação**. Manual para Educação e Treinamento em Jornalismo – Série UNESCO sobre Educação em Jornalismo. São Paulo: UNESCO, 2025.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. OPAS. **Histórico da pandemia de COVID-19**. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/historico-da-emergencia-internacional-covid-19>. Acesso em: 18 jun. 2025.

ORWELL, George. **1984**. Tradução de Gisele Eberspächer. Curitiba: Gazeta do Povo, [s.d.]. Disponível em: <https://multimidia.gazetadopovo.com.br/media/info/2022/202209/1984/e-book-1984.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2025.



Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros, Brenda Godinho Oliveira, Filipe de Jesus dos Santos, Ivne Victória Silva Nunes, Jéssica Débora de Jesus & Livia Kátia Gomes Silva

ROCK Content. **Conheça a história da Internet, sua finalidade e qual o cenário atual.** 27 jan. 2020. Disponível em: <https://pingback.com/br/resources/historia-da-internet/>. Acesso em: 13 maio 2023.

SEIXAS, Rodrigo. Gosto, logo acredito: o funcionamento cognitivo-argumentativo das *Fakes News*. **Cadernos de Letras da UFF**, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/44056>. Acesso em: 14 maio 2023.

ROCK Content. **Conheça a história da Internet, sua finalidade e qual o cenário atual.** 27 jan. 2020. Disponível em: <https://pingback.com/br/resources/historia-da-internet/>. Acesso em: 13 maio 2023.

SEIXAS, Rodrigo. Gosto, logo acredito: o funcionamento cognitivo-argumentativo das *Fakes News*. **Cadernos de Letras da UFF**, 2019. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/44056>. Acesso em: 14 maio 2023.

TEIXEIRA, Iara Silva Ferreira. **Proposta de identificação de padrões visuais de fake news:** análise visual de conteúdos falsos disseminados durante a pandemia de covid-19. 2022. Disponível em: <https://rosario.ufma.br/jspui/handle/123456789/5868>. Acesso em: 14 maio 2023.

VAL, Maria da Graça Costa. A gramática do texto, no texto. **Revista de Estudos da linguagem**, 2002. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2339>. Acesso em: 14 maio 2023.

VAN BAVEL, Jay J.; PEREIRA, Andrea. The partisan brain: An identity-based model of political belief. **Trends in cognitive sciences**, v. 22, n. 3, p. 213-224, 2018.

VASQUEZ, Rafael. Bolsonaro e Trump: As táticas semelhantes (e diferentes) na reta final das eleições. **Valor Econômico**, São Paulo, 29 out. 2022.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information disorder: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making.** Strasbourg: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://edoc.coe.int/en/media/7495-information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-research-and-policy-making.html>. Acesso em: 20 set. 2025.

WIKIPÉDIA. **Google Busca.** Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Google_Busca. Acesso em: 19 jun. 2023.

Recebido em: 17/12/2025

Aceito em: 26/01/2026